

A INVERSÃO DE PAPÉIS COMO POSSIBILIDADE DE PREVENÇÃO AO BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR – ESTUDO INTRODUTÓRIO

Role-Playing as a possibility of bullying prevention in the school context – introductory study

NUNES, Roseli Coutinho dos Santos¹

Centro Universitário de Jaguariúna

SOUZA, Luciana Gomes Almeida

Centro Universitário de Jaguariúna

BARBOSA, Marianna Martins

Centro Universitário de Jaguariúna

CÁCERES, Pedro Felipe Manzi

Centro Universitário de Jaguariúna

JULIO, Fernanda Aparecida Batista

Centro Universitário de Jaguariúna

RESUMO: O texto propõe uma discussão a respeito da intervenção e prevenção do *bullying* no contexto escolar a partir da técnica de inversão de papéis da técnica psicodramática. Buscou-se descrever e apresentar as causas e consequências do fenômeno da violência entre pares e como atualmente os profissionais da educação se posicionam frente à problemática e as medidas interventivas aplicadas. Por meio da revisão de literatura sobre os métodos psicodramáticos, verificou-se na técnica de “inversão de papéis”, uma possibilidade quanto à prevenção e intervenção nas situações de *bullying* no contexto escolar.

Palavras-chave: Psicodrama; violência escolar; bullying.

ABSTRACT: The text proposes a discussion about the intervention and prevention of bullying in the school context from the role reversal technique of the psychodramatic technique. The aim was to describe and present the causes and consequences of the phenomenon of violence among peers and how currently the professionals of education stand in front of the problematic and the applied intervention measures. Through the literature review on the psychodramatic methods, there was verified in the technique of "Role reversal", a possibility for prevention and intervention in bullying situations.

Key-words: Psychodramatic; school violence; bullying.

¹ Este artigo apresenta os resultados da pesquisa realizada em 2016 por estudantes do Programa de Iniciação Científica (PIC) do curso de Psicologia do Centro Universitário de Jaguariúna (UniFAJ), orientada pelas professoras Roseli Coutinho dos Santos Nunes e Luciana Gomes Almeida de Souza.

INTRODUÇÃO

O Psicodrama é uma abordagem psicoterapêutica que teve como base as experiências do Teatro Vienense da Espontaneidade do início do século XX, por meio do médico psiquiatra romeno Jacob Levy Moreno (1884-1974) que, desde muito jovem, desenvolveu trabalhos em grupo com amigos como forma de protesto aos padrões judaicos estabelecidos. Influenciado por ideais sociais, Moreno desenvolveu trabalhos com técnicas grupais com prostitutas vienenses e, no dia 1º de abril de 1921, realizou a primeira sessão oficial psicodramática.

Na primeira sessão, apresentou-se sozinho no palco, utilizando uma cadeira de veludo e uma coroa representando o trono real. A plateia era composta por um misto de classes e culturas, entre figuras políticas, religiosos e curiosos, com o intuito de fazer do público seu elenco, que atuaria como dramaturgos inconscientes à procura uma nova ordem mediante o enredo de caos generalizado, instaurado pelos acontecimentos históricos da época, instigando-os a aspirações de liderança, nos quais, atuariam como rei e o restante do público como júri. É importante ressaltar que no fim ninguém havia se considerado digno de tornar-se rei. (MORENO, 2003)

Considerando que o Psicodrama originou-se no teatro, pode-se dizer que sua origem se dá a partir da junção entre ciência e arte, e é por meio do drama (ação) que se dá o efeito psicoterápico. A partir das experiências e de tantas outras, espontâneas e criativas, Moreno desenvolveu ao longo dos anos toda a sistematização do Psicodrama, com diversas técnicas e aprofundado embasamento teórico, na qual elas se firmam. (RAMALHO, 2010)

Em 1931 Moreno introduz o termo “psicoterapia de grupo” que passa a ter caráter científico e desenvolve em Nova York o trabalho de reeducação de jovens, investigando e mensurando as relações interpessoais, que embasam os métodos da Sociometria², que foram utilizados para a seleção de oficiais americanos durante a Segunda Guerra Mundial.

² Ferramenta para análise e estudo das relações interpessoais e sociais desenvolvida por Moreno em seus estudos sobre as estruturas sociais e bem-estar psicológico (RAMALHO, 2010).

Ainda que Moreno não tenha se aprofundado diretamente no contexto escolar e não tenha presenciado as atuais polêmicas sobre a violência nos ambientes de ensino, entre elas o *Bullying* e a violência entre pares, anteviu em seu método a possibilidade de aplicação para a resolução das mais variadas demandas, ao alegar que:

(...) toda escola primária, secundária e superior deve possuir um palco de Psicodrama como laboratório de orientação que trace diretrizes para os seus problemas cotidianos. Muitos problemas que não podem ser resolvidos na sala de aula podem ser apresentados e ajustados ante o fórum psicodramático, especialmente concebido para estas tarefas. (MORENO, 2003, p. 197).

Além de Moreno, sua esposa Zerka (1975, p. 71) também foi investigadora empírica do método psicodramático e, a partir de experiências realizadas com o filho do casal, descobriu que a técnica de inversão de papéis apresenta ótimos resultados em crianças, em momentos de conflito e agressão. Em seu estudo voltado para o universo infantil, a autora salientou a necessidade de se adaptar as técnicas de acordo com seu contexto e de introduzir cautelosamente em casos de acontecimentos traumáticos. (MORENO, 1975)

Assim como Moreno (2003) e Zerka (1975), Bareicha (1999) também considera o Psicodrama uma ferramenta eficaz na intervenção de conflitos. Ao citar Moreno (2003), Bareicha (1999) apresenta uma reflexão sobre a existência do grave problema de comunicação no mundo, que poderia resultar em esfacelamento de grupos, impossibilidade de se relacionar, isolamento de pessoas do convívio em sociedade e até mesmo o adoecimento. Para Bareicha (1999) pode-se considerar que a doença surge quando o homem é preso (e se prende) a conservas culturais, isto é, os padrões definidos, cristalizados de comportamento e valores, imobilizam as pessoas e, como intervenção, são propostas ações educativas baseadas no desenvolvimento da espontaneidade e criatividade desde a primeira infância.

Bareicha (1999) aponta ainda para a eficácia da inversão de papéis, técnica em que as pessoas envolvidas trocam de papéis uns com os outros, podendo assim visualizar a situação sobre a ótica do outro. Zerka Moreno (1975) ressalta a eficácia na educação e na intervenção de determinadas

demandas sociais, como os problemas de origem raciais, orientação sexual ou relações de liderança. Aspectos bastante comuns nos conflitos contemporâneos de violência entre pares.

Partindo das considerações de Moreno (2003), Zerka (1975) e Bareicha (1999) sobre o uso do Psicodrama na resolução de conflitos, vislumbra-se no contexto escolar um campo fértil para explorar ferramentas com potencial de prevenção e até mesmo solução para eventuais problemas decorrentes do *bullying*, temática importante e atual. Tomando como base o método psicodramático, verificou-se em suas técnicas a possibilidade de ricas ferramentas para esse trabalho de prevenção em escolas.

É importante não se restringir o uso dessas possíveis ferramentas de combate ao *bullying* aos profissionais da área de Psicologia, já que expandi-las a toda a gama de profissionais que se preocupam com essa demanda emergente, tais como professores, psicopedagogos e demais profissionais envolvidos pode se tornar um diferencial para processos de ensino-aprendizagem mais amplos e eficientes. A expansão dessa ferramenta importante possibilitaria a promoção da saúde mental dos escolares, a partir da instauração de vínculos e relações mais saudáveis, reforçando a visão de Moreno (2003), Bareicha (1999) aponta que um processo, para se tornar realmente terapêutico, precisa atingir como meta final toda a humanidade.

Assim, o presente artigo pretende apresentar hipóteses de prevenção desta situação de conflito da atualidade, a partir de análise de revisão bibliográfica levantada sobre o *bullying* no contexto escolar, sob a luz da técnica de inversão de papéis de abordagem psicodramática.

TÉCNICAS DO PSICODRAMA

De acordo com a teoria de Moreno (2003), as técnicas do Psicodrama estão baseadas no jogo entre o protagonista e o ego-auxiliar e são executadas de acordo com as orientações de um diretor, que utiliza as técnicas de forma a favorecer a comunicação, empatia e sentimentos. Os instrumentos do Psicodrama Moreniano são protagonista, diretor, ego-auxiliar, auditório e cenário.

A técnica de inversão de papéis é usada para a resolução de conflitos. É olhar o outro a partir da representação do outro. O desempenho do papel do outro revela as posições do outro lado e a observação do processo visa criar consciência de si.

Para Moreno (2003), a inversão de papéis permite libertar o que está armazenado ou reprimido no inconsciente ao longo dos tempos e permite que o indivíduo capte a percepção que outra pessoa tem sobre ele e sobre si mesmo.

O Solilóquio é uma técnica em que se apresenta um diálogo consigo mesmo. Acontece quando o diretor, durante a ação, “congela a cena e pede ao protagonista que ‘pense alto’ ou ‘diga em voz alta o que está sentindo’”. (Veiga, 2009, p. 143).

A técnica Interpolação de Resistências acontece quando o diretor solicita aos egos auxiliares para agirem de forma diferente daquela que o protagonista descreveu. Dessa forma, é possível ver alternativas de saída para os problemas.

Uma técnica relevante para o psicodrama é a “Técnica do Duplo” que pode ser utilizada em situações de dificuldade de expressão verbal. Moreno utilizava esta ferramenta com pacientes apresentando sintomas psicóticos. De maneira mais detalhada, esta técnica propõe que um “ego-auxiliar” assuma a comunicação não verbal a partir das emoções que capta do paciente. Os principais benefícios apontados pelo autor são a capacidade de proporcionar tranquilidade e melhora nas possibilidades de interação e comunicação através da proximidade e compreensão de um outro. (MORENO, 2003)

Ainda segundo o mesmo referencial a técnica do Espelho permite ao indivíduo melhorar a auto percepção, pois o transforma num espectador de si mesmo, enquanto o ego-auxiliar reproduz as suas características comportamentais e comunicacionais, com o seu círculo social ou o seu mundo interno.

Outro instrumental criado pelo psicodrama é a técnica da Representação Simbólica que pode ser aplicada quando a situação da vida real não pode ser trazida para o contexto dramático, como por exemplo situações de sexo e violência. Para que conflitos com esta especificidade possam ser trabalhados busca-se encontrar formas de representar simbolicamente situações desta natureza.

A técnica Estátua é utilizada para “esculpir”, utilizando os egos auxiliares ou tecidos, para representar concretamente um sentimento, violência, entre outros. A execução de estátua permite a representação estética de emoções.

Como pudemos acompanhar no exposto, por meio de suas técnicas, o Psicodrama pode ser entendido como o conjunto de técnicas que buscam a transformação do indivíduo e da sociedade por meio da ação e do teatro. Promovendo a espontaneidade, criatividade e harmonia, tanto do indivíduo quanto do coletivo, por meio do rompimento de conservas culturais e ideias cristalizadas ou, em outras palavras, aquilo que já está definido, preserva e dissemina-se através da cultura. Desenvolvendo assim a empatia, tão necessária para a qualidade na saúde das relações interpessoais.

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa de revisão bibliográfica em artigos publicados que abordassem o tema *bullying* no contexto escolar e a possibilidade de intervenção a partir do Psicodrama. Para fundamentar e compor a análise dos resultados foi utilizado os descritores: “psicodrama, bullying, violência escolar”, nas bases de dados Scielo Brasil e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic).

A pesquisa foi fragmentada em seis pesquisas menores, em que cada palavra-chave foi utilizada individualmente nos indexadores ScieloBrasil e Pepsic. A preocupação em adotar essa medida foi devido às referências encontradas serem iguais a zero, oriundas das pesquisas em que os descritores foram usados em conjunto.

Os resultados obtidos por descritores em cada indexador foram: o descritor *Psicodrama* no Pepsic resultou em cento e quarenta e quatro artigos; no Scielo Brasil resultou em trinta e dois artigos; O descritor *Bullying* no Pepsic resultou em cinquenta e cinco artigos; no Scielo Brasil resultou em oitenta e sete artigos; e o descritor *violência escolar* no Pepsic resultou em dois artigos; enquanto que no Scielo Brasil resultou em cento e vinte e seis artigos. Totalizando quatrocentos e quarenta e seis artigos referenciados, que foram submetidos aos seguintes critérios de exclusão: leitura dos títulos para

exclusão de artigos que não tivessem relação com esta pesquisa; artigos científicos repetidos em mais de uma base de dados ou ainda artigos que não tinham o texto completo.

Após a submissão a esses critérios de exclusão, restaram onze artigos que foram lidos na íntegra e puderam compor a análise de resultados e submetidos ao embasamento teórico psicodramático a fim de comprovar ou não a hipótese levantada, isto é, identificar a possibilidade de prevenção do bullying no contexto escolar, evidenciada nos artigos encontrados em revisão bibliográfica analisados à luz da abordagem psicodramática.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A palavra *bullying* é amplamente conhecida na sociedade brasileira, mesmo não possuindo uma tradução literal, é conhecida também dentro do universo escolar. Muitas discussões têm sido feitas sobre a temática, tanto no contexto acadêmico quanto no cotidiano, por todos que se preocupam com a questão.

Segundo Silva e Costa (2014), o *bullying* é uma violência específica e bem definida, caracterizada principalmente pela propriedade de causar danos e traumas psíquicos em suas vítimas e envolvidos. O termo pode ser traduzido como um conjunto ou classe de comportamentos agressivos e frequentes. Além disto, acontece sobre aqueles que não possuem repertório comportamental ou mecanismos de defesa perante o agressor, caracterizando desequilíbrio entre os envolvidos. O que mais se aproxima de uma tradução é pelo verbete *bully* que tem como significado: mata mouros, tirano, brutal, insolente, valentão.

A expressão “violência entre pares”, de acordo com Stelko-Pereira e Willians (2010), também define *bullying*, especificando mais claramente que esse fenômeno diz respeito somente aos atos de violência que ocorrem entre “iguais”, ou seja, a violência entre professores e alunos, diretores e alunos, e demais indivíduos localizados em diferentes níveis de hierarquia, não entram na definição de *bullying*.

(...) bullying pode ser definido como "um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem um motivo evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros, causando sentimentos

negativos como raiva, angustia sofrimento e, em alguns casos, queda do rendimento escolar". (FANTE apud Silva e Costa, 2010, p. 57).

Os atos de *bullying* podem ser caracterizados como diretos: violência física, verbal ou dano aos pertences pessoais; e indiretos: ignorar, excluir e difamar, individual ou coletivamente, um igual. Os atos indiretos podem ser tão devastadores quanto os diretos. (DUKES, STEIN E ZANE, 2010 apud SANTOS, PERKOSKI E KIENEN, 2015)

Além do sofrimento físico e psíquico pelos quais passam as vítimas de *bullying*, a interferência na aprendizagem pode ser verificada e resultar em diminuição do rendimento escolar que, diferente de muitas outras formas de violência, é capaz de causar traumas no psiquismo das vítimas e dos envolvidos. (FANTE, 2005 apud SILVA E COSTA, 2014)

É importante ressaltar que Silva e Costa (2014) não especificam quais são as formas de agressão que não produzem traumas no psiquismo da vítima e dos envolvidos, pois desconhece formas de violência que não possuam a capacidade de abalar direta ou indiretamente a psique.

Crochik (2012) acrescenta que entre as maiores vítimas de *bullying* estão aqueles que possuem características específicas físicas, étnicas, socioeconômicas ou preferências sexuais, desvalorizadas pela cultura. Por meio do posicionamento do autor, foi possível relacionar *bullying* ao conceito de conserva cultural de Moreno. É possível exemplificar da seguinte maneira: alguns autores, como Crochik (2012), Freire (2006) e Voors (2006), consideram o *bullying* como natural e que, por isso, deve ser resolvido pelas próprias crianças por entenderem que se trata de um tipo de brincadeira, e chegam até a considerá-lo necessário principalmente aos meninos.

Na análise do artigo de Crochik (2012), observou-se que parte dos alunos do sexo masculino, entrevistados em 2010 (durante a realização da pesquisa "O Bullying Escolar no Brasil", organizada pela Plan Internacional³), consideraram-no uma brincadeira. Diferentemente das meninas entrevistadas

³ Organização Não Governamental voltada à defesa dos direitos da criança responsável pelo estudo sobre *bullying* citado.

que, além de ficarem magoadas, afirmaram que o *bullying*, aparentemente, iniciava-se como brincadeira e posteriormente transformava-se em agressão.

A compreensão desses autores sustenta e fortalece a conserva cultural, que nada mais é do que a preservação e a disseminação de valores de uma cultura ao considerar o *bullying* uma brincadeira. Segundo Crochik (2012):

Na atitude de se considerar o bullying como brincadeira, os valores da força e da virilidade podem ser destacados em detrimento dos direitos humanos e do desenvolvimento da sensibilidade. Se é clara, para alguns, a distinção entre 'brincadeiras' e violência, deve-se lembrar que piadas contra pessoas com deficiência, imigrantes, negros, podem ser expressões do preconceito sutil, que é uma das formas da violência se manifestar (ver Meertens e Pettigrew, 1999). A esse respeito, é interessante a relação estabelecida entre bullying e preconceito, por Antunes e Zuin (2008) e por Grossi e Santos (2009), os primeiros indicando que esse último fenômeno é a base do primeiro, os últimos evidenciando a presença do preconceito na violência escolar. (CROCHIK, 2012, p. 217).

Se o preconceito é a sua base, então o *bullying* nada mais é do que uma demonstração de domínio. Exatamente como apontado por Stelko-Pereira e Williams (2010) ao citarem Bordiau e Passeron (1975) que entendem a estruturação de pensamentos, percepções e ações do indivíduo, posicionados em uma matriz social em que as relações de poder são estabelecidas pela classe dominante, a violência se justifica pela dominação do mais forte perante o mais fraco, o que corrobora a imagem do agressor do *bullying* e o papel de submissão da vítima.

Dessa forma, quando houver relações sociais baseadas em uma cultura de não respeito à diversidade, haverá violência, o que Crochik (2012) entende como que imprescindível em qualquer instituição social, até mesmo nas escolas, que têm como objetivo desenvolver a civilidade, possibilitando que homens discutam suas diferenças pacificamente por meio de acordos coletivos tornando possível a convivência menos violenta.

O mesmo autor, no entanto, apresenta aspectos contrários à civilização do aluno somente pela escola em uma sociedade pautada do desrespeito e na diferença. Assim como Crochik (2012), Canavez (2015) afirma que não é possível analisar o *bullying* desvinculado do seu contexto social. Para o

primeiro autor, os objetivos e métodos de ensino não são totalmente determinados apenas pela escola, mas sofre influência direta da sociedade. Dessa forma, o *bullying* não pode ser naturalizado como uma verdade “descontextualizada e desprovida de determinantes histórico políticos” como alega Canavez (2015).

Mediante tais colocações, Vebber (2013) salienta que a escola, enquanto mediadora social e auxiliadora crucial na construção de relações dos sujeitos com o mundo deve, além de fomentar a discussão do *bullying* com os alunos, também deve tratar de forma reflexiva a questão com a sociedade, possibilitando a quebra da ideia de que a responsabilidade por prevenir tal fato social é unicamente da escola, pois como coloca Parrat-Dayan (2008), segundo Vebber (2013), a escola apenas reproduz em menor escala os problemas da sociedade em geral.

Nesse contexto, iniciativas têm sido tomadas e já existem muitos teóricos no campo da educação, da psicologia e demais áreas envolvidas, buscando compreender e encontrar alternativas para a atual demanda. A interdisciplinaridade é muito importante para o êxito de medidas de prevenção e combate ao *bullying*. Assim como projetos que envolvem a participação de docentes, psicólogos, pais, alunos e comunidade tem se mostrado efetivas. (Berger, 2007 apud Santos, Perkoski & Kienen, 2015)

Segundo Lopes (2005), questões como fatores econômicos, culturais, influências familiares e de amigos, são fatores de risco que podem levar a criança a desenvolver comportamento agressivo, além de causar um impacto considerável em sua saúde. De acordo com a pesquisa de Lopes (2005), há um predomínio do sexo masculino entre os agressores, e já entre as vítimas, não há uma diferença direta de gêneros. Este fato pode estar relacionado com a classificação segundo as habilidades práticas corporais e virilidade dos alunos e ordenação entre mais rico -mais pobre, mais forte-mais fraco, contribui para a identificação do padrão de uma hierarquia corporal. (CROCHIK, 2012)

O mesmo autor apresenta que em contrapartida à violência escolar crescente, a educação inclusiva tenta fazer com que todos tenham acesso à escola e estudem conjuntamente. Aumentando ainda mais a diversidade nos ambientes escolares. Destaca com bons olhos o viés contraditório afirmando que há problemas, mas também evidencia-se uma tendência da educação de

se tornar cada vez mais inclusiva, apesar da sociedade excludente (CROCHIK, 2012). Coloca assim em foco a necessidade de desenvolver, não só nos alunos, mas em todos os envolvidos, pais, professores, diretores, e na sociedade como um todo, a empatia que pode ser desenvolvida a partir de técnicas psicodramáticas, como a inversão de papéis e o role play.

Há também a possibilidade de se utilizar da Sociometria, ferramenta analítica desenvolvida pelo Moreno para o estudo de interações entre grupos, na prevenção do *bullying*, identificando aqueles em situação de vulnerabilidade, ou com pré-disposição, tanto para sofrer quanto para cometer violência entre os iguais, tanto quanto como no caso de alunos com necessidades especiais que, segundo Vieira e Denari (2007) citado por Crochik (2012), estão em um grupo culturalmente fragilizados e desvalorizados como citado anteriormente.

Ou ainda temos o estudo de Batista e Enumo (2004) também citado por Crochik (2012), em que classes de escolas municipais com alunos considerados com deficiência intelectual foram submetidas a testes sociométricos, filmados durante o intervalo para que suas relações interpessoais pudessem ser observadas. Os resultados de medidas similares podem ser utilizados tanto desenvolvimento de novos mecanismos de combate ao *bullying*, quanto para conscientização dos grupos familiares, alunos e professores.

Ações como a mencionada está em sintonia com o que, segundo Lopes (2005), resulta nos melhores resultados "*intervenções precoces que envolvam pais, alunos e educadores*", que objetivam o diálogo e a criação de pactos comuns em que não se devem, em hipótese alguma, ser admitidas ações violentas. Ainda segundo o autor, tal precocidade justifica-se pela Organização Mundial da Saúde (OMS) ao divulgar que os programas mais eficazes são aqueles que enfatizam as capacidades sociais e a aquisição de competências, como por exemplo, a empatia. Tais medidas são mais efetivas em escolas de educação infantil.

Diante do fenômeno *bullying*, medidas têm sido tomadas para sua prevenção dentro da escola, porém, ainda com dificuldades, como explicita Santo (2014) em pesquisa realizada com professores da rede pública de Santa Catarina, que demonstrou a disparidade na tomada de atitude frente à situação de *bullying* por parte dos professores. Enquanto alguns propuseram conversas

e reflexões sobre o assunto, salientando a consequência desses atos, em especial para a vítima envolvida, outros relataram que diante das mesmas situações, apenas direcionavam os indivíduos envolvidos para a diretoria da escola.

Outros autores, como Pinto (2015), defendem que práticas transdisciplinares que envolvem articulação de diversas maneiras de observar e conhecer o mundo, a fim de fortalecer vínculos sociais e humanitários, podem auxiliar no processo geral do aprendizado e da cidadania quando trabalhadas por todos envolvidos com a educação.

Vebber (2013) procurou demonstrar a importância de meios alternativos para a resolução de problemas escolares, com elaboração de um projeto *antibullying*, que teve como objetivo problematizar o fenômeno, partindo do pressuposto de que o aluno é sujeito ativo e transformador de sua realidade, capaz de construir conhecimento a partir de relação com todo o meio cultural em que vive. A autora não limitou o projeto apenas a alunos, também promoveu encontros sistemáticos com os familiares, abordando temas do cotidiano. Relacionou também o contexto sociocultural, e promoveu entrevista e intervenção com as famílias das vítimas/agressores do *bullying*. Mostrou em sua pesquisa a necessidade de investimento das escolas não apenas de conteúdos formais de currículo acadêmico, mas também em trabalhos com os alunos, vinculados ao desenvolvimento das relações interpessoais.

De encontro com a pesquisa de Vebber (2013), Barreicha (2013) faz uma crítica ao modelo educacional que parte do pressuposto de que o conhecimento manual ou técnico é mais importante que o espiritual. Explicita os resultados de sua pesquisa realizada no norte do país, mais centralizada na Amazônia, a respeito da utilização de técnicas que possibilitam tanto o aprendizado técnico como o aprendizado espiritual. Pela narrativa de professores entrevistados, descobriu que a maior parte das escolas dessas regiões dispunha de muitos materiais a respeito do Psicodrama, e as técnicas mais utilizadas nas salas de aula, o teatro espontâneo, os jogos dos papéis, jogos dramáticos e os jogos sociodramáticos, porém notou uma necessidade de atualização do material frente às pesquisas atuais sobre o assunto desenvolvidas nesse contexto, e salientou a importância do Psicodrama na escola:

Em ambos os casos, a ação pedagógica por meio do Psicodrama oferece tempos, espaços e oportunidades de aprendizagem para que todos juntos, e cada um em particular, descubram e criem seu lugar no mundo – inclusive na Amazônia. (BARREICHA, 2013)

O Psicodrama, especificamente os jogos de papéis, a princípio era uma ferramenta exclusiva da Psicologia, passando a integrar o contexto educacional com o surgimento do Psicodrama Pedagógico em 1969, introduzido como proposta de formalização no IV Congresso Nacional de Psicologia por Maria Alicia Romana (BAREICHA, 1999).

A princípio, essa proposta tinha como eixo o auxílio das técnicas psicodramáticas no ensino do conteúdo curricular de aprendizado dos alunos. Os benefícios das técnicas psicodramáticas e de seus pressupostos como o desenvolvimento da espontaneidade, criatividade e empatia, foram expostos para serem utilizadas tanto como ação educativa como também no contexto de violência escolar, como próprio método de cura, aplicado tanto por psicólogos, psicopedagogos e até mesmo professores, desde que munidos de recursos técnicos suficientes para a promoção de ações que possibilitem a quebra das conservas culturais, beneficiando assim a comunicação e a interação social, e até mesmo a prevenção do adoecimento.

Assim, a técnica proposta por Moreno propicia o desenvolvimento afetivo, a promoção de atitudes empáticas, assim como a reflexão sobre determinada postura frente a uma situação, o que por sua vez são fatores indispensáveis para a prevenção do *bullying*.

Para Silva (2015), promover ações por meio de mídias, teatro, debates, leitura e dinâmica de grupos, auxilia os alunos na compreensão do fenômeno e produz empatia que, por sua vez, compreendem as consequências sofridas pela vítima de *bullying* tornam-se indivíduos ativos frente à situação de violência, saindo da zona de meros espectadores. O autor explicou o benefício que essas ações proporcionaram em uma turma amostra do 5º ano do Ensino Fundamental, com a atuação ativa dos alunos na elaboração de propostas para resolução de comportamentos inadequados.

Ressaltou, assim como Pinto (2015) e Vebber (2013), a importância da atuação de uma equipe multidisciplinar (profissionais da saúde membros do

contexto educacional e assistente social), bem como a família dos alunos, na promoção de campanhas *antibullying*, para que a identificação de vítimas seja mais rápida e facilitada, minimizando assim consequências de seus efeitos.

As tentativas de solucionar os problemas pertinentes ao *bullying* são feitas sistematicamente e existem inúmeras propostas no contexto contemporâneo. Considerando a questão, o Psicodrama apresenta-se como uma ferramenta possível, pois toda a sua metodologia foi desenvolvida a partir da relação entre os indivíduos por meio da execução dramática. O que Moreno chama de encontro entre os indivíduos, é um dos principais objetivos do Psicodrama. A espontaneidade e a criatividade são promotoras da capacidade de distinguir objetos e pessoas sem distorcer seus papéis essenciais, e é por meio da superação das repetições que o encontro se faz possível. (RAMALHO, 2010)

Na teoria moreniana, a relação entre os indivíduos assume importância primordial, ideia que se aproximado pensamento de Bareicha (2013) que defende que o principal problema educativo não é o ensinar, mas o relacionar-se.

No que se refere aos problemas de violência entre pares, é possível verificar que há entre os estudantes uma dificuldade na relação com as diferenças, como citado anteriormente, considerando que a maioria das vítimas possui características físicas e culturais específicas. A promoção de ações que confrontem as disparidades, por meio da inserção do Psicodrama adaptado ao seu contexto cultural, valorizando as diferenças e reaproximando os alunos de suas raízes (da qual há muito são afastados, considerando a massificação da cultura pop norte americana), permite fazer das diferenças culturais o ponto de partida para o desenvolvimento da espontaneidade e criatividade, possibilitando o surgimento do encontro. (PINTO, 2015)

Moreno teve, durante a sua vida, uma estreita relação com a infância, iniciando seus estudos com crianças nos jardins vienenses, buscando desenvolver nelas uma “centelha divina da criatividade”. Dessa forma, mantinha uma relação com a educação nos pressupostos da escola ativa, voltada mais para vida do que para o saber, utilizando como meio os jogos, o contato com a natureza, dança e música (RAMALHO, 2010). Considerando tais

observações, poderia se esperar que de sua teoria fosse possível extrair valiosos benefícios para as vivências dos escolares.

O Psicodrama Pedagógico divide-se em três momentos: aquecimento, aplicação da técnica em si e discussão da experiência vivida, e conta com os instrumentos: o protagonista, que neste caso é o próprio aluno ou o grupo-classe; o auditório composto por alunos; o diretor, que é o professor ou coordenador do grupo; o ego auxiliar, professores ou alunos auxiliares numa cena e o cenário, que é o espaço na escola ou sala de aula, onde se realiza a dramatização.

No que diz respeito às etapas, Zerka Moreno (1975, p.14), advertiu sobre a necessidade de se realizar um aquecimento adaptado às circunstâncias em que se encontram os sujeitos, tal aquecimento pode se dar por meio de danças, brincadeiras e atividades lúdicas pertencentes ao mundo do grupo de crianças ou adolescentes com que se trabalha. Salientou também a importância de se iniciar a ação a partir de temas mais amenos, deixando que os temas mais conflitantes para o indivíduo surjam com o decorrer do exercício e que seja medida pela própria criança a profundidade que seu psiquismo permite alcançar. Tal advertência é de extrema importância quando consideramos um trabalho voltado para o tema da violência entre pares, em que sentimentos complexos e fragilidades pretendem ser trabalhados. Para tanto, a autora ressalta que o indivíduo nunca deve se sentir isolado ou sozinho, e que um dos membros do grupo deve se identificar com o problema do indivíduo, oferecendo-lhe apoio enquanto ego-auxiliar. (MORENO, 1975)

A partir das técnicas desenvolvidas por Moreno, verificou-se na técnica chamada “inversão de papéis”, um valioso instrumento capaz de promover reflexões e mudanças por meio da ação. A técnica consiste na vivência do papel do outro, em que o indivíduo em interação com o outro, troca de papel com a qual representa. Sendo utilizada numa situação em que dois sujeitos se encontram em conflito, ambos são levados a viver a experiência do outro e analisar “de fora” sua própria postura (MORENO, 1975).

De acordo com Zerka Moreno (1975), essa técnica permite que as alterações de percepção do outro sejam claramente visualizadas, possibilitando sua exploração e correção no seio grupal. Tal resultado se mostraria de grande valia para a identificação de situações de ofensas e agressões, ainda que

verbais entre os alunos, possibilitando a expressão de suas angústias (por parte das vítimas) e manifestações de agressividade (que também deve ser encarado como sintoma, por parte dos agressores). A técnica é capaz de permitir que o aluno, além de pensar no conflito existente, seja capaz através da ação de senti-lo. Mais que isso, o aluno é impelido a sentir a perspectiva do outro, promovendo a empatia e a sensibilização para com o sofrimento alheio.

Zerka Moreno (1975) relata inúmeras experiências pragmáticas realizadas com o próprio filho Jonathan, de três anos. Uma delas tratou-se da aplicação da técnica de inversão de papéis numa situação de agressão física entre a criança e seu coleguinha André, de igual idade. O relato apresenta que as crianças constantemente entravam em conflito e se agrediam pela disputa de uma bicicleta. Em uma das situações em que a autora observava o conflito, num momento em que o filho não queria deixar a bicicleta para que o amigo brincasse, ela fez uma intervenção e sugeriu que ambos trocassem de papéis, provocando em Jonathan o desejo de permitir que o amigo usufrísse do brinquedo. Dessa forma, foi possível que as crianças brincassem durante o restante do tempo em que estiveram juntas, sem infringir agressões uma a outra.

Ainda que a situação exposta pela autora não se trate de uma situação típica de *bullying*, é possível vislumbrar como uma situação de agressão que pode ser evitada por meio do ato de se colocar no papel do outro. Mesmo que as crianças elaborem mentalmente a ideia de que a agressão contra o outro não é algo positivo, somente através da ação, da vivência do sentimento, é possível chegar a compreensão verdadeira de tal premissa. Moreno (1992, p. 98) defende que o método de entrevista raramente funciona com crianças e adolescentes, e que para este público “O alívio decorrente da entrevista tem de ser substituído pela catarse da ação”. Diante dessa possibilidade, por meio da ação, como atores no palco, que os alunos são capazes de resolver seus problemas mediante uma representação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário que haja na escola um espaço para o desenvolvimento do sujeito em sua cidadania, como parte de um todo social, com direitos e

deveres. Dessa forma, considera-se que o Psicodrama, por oferecer ferramentas capazes de desenvolver competências criativas-espontâneas, ofereça subsídio para relações empáticas.

Uma vez que o Psicodrama é a terapia da ação, e ação pelo teatro, é possível desenvolver uma gama de atitudes que cruzem diversidades culturais, sexuais, étnicas e religiosas, que permitam a reflexão sobre as diferenças em geral, minimizando assim o preconceito acarretado de violência.

Algumas técnicas do Psicodrama podem ser mais bem adaptadas ao contexto escolar, e considera-se a ideia de não se restringir o uso na prevenção do *bullying* aos profissionais da área de psicologia, mas que também estejam ao acesso dos professores, psicopedagogos e demais profissionais envolvidos, visando, conseqüentemente, a expansão de uma valiosa ferramenta que possibilitaria a promoção da saúde mental dos escolares, a partir da instauração de vínculos saudáveis, e melhor aproveitamento do seu rendimento, fatores tão afetados pela prática do *bullying*.

Contudo, é importante concluir que o fenômeno social contemporâneo *bullying* é uma extensão da violência e preconceito da sociedade que está impregnada de conservas culturais, das quais se justificam a dominação do mais forte sobre o mais fraco. Dessa forma, é possível apresentar também que a prevenção do *bullying* deve ser um exercício constante e perpassar os muros das escolas, para atingir toda a sociedade, desenvolvendo o pensamento crítico, criativo e empático a fim da promoção do respeito e das relações interpessoais saudáveis, proposta principal do Psicodrama.

Cabe ressaltar que o problema de pesquisa foi respondido parcialmente, pois nas referências bibliográficas não foram encontrados estudos específicos da técnica do Psicodrama como forma de prevenção do *bullying*, porém os resultados favoráveis na prevenção da violência entre pares obtidos por Zerka Moreno (1975), com a técnica de inversão de papéis, obtém-se parâmetro e base para que uma pesquisa de campo seja feita a fim de comprovar empiricamente a efetividade ou não da técnica psicodramática, especificamente a inversão de papéis no auxílio à prevenção do *bullying*.

Não houve pretensão neste trabalho de pesquisa de apresentar uma solução definitiva e instantânea para tal problemática. Há, porém, de se

considerar que as reflexões apresentadas podem ser analisadas de modo a levar em conta os objetivos buscados e as possibilidades do referencial teórico e técnicas do Psicodrama. Além disso, esta pesquisa pretende servir de gatilho para outros estudos necessários que abordem a problemática do *bullying*, para a promoção da saúde mental e do desenvolvimento do cidadão, como parte de um todo social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAREICHA, Paulo. Psicodrama, teatro e educação: em busca de conexões. **Linhas Críticas**. Brasília. 1999. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/6744>>. Acesso em 20 de Abr 2016.
- BAREICHA, Paulo. Psicodrama como ação pedagógica no currículo do ensino fundamental em escolas da Amazônia. **Rev. Bras. Psicodrama**, São Paulo, v.21, n.2, p.27-39, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932013000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 abr 2016.
- CANAVEZ, Fernanda. A escola na contemporaneidade: uma análise crítica do bullying. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 271-278, Aug. 2015. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000200271&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 Abr. 2016.
- CROCHIK, José Leon. Fatores psicológicos e sociais associados ao bullying. **Rev. Psicol. Polít.**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 211-229, ago. 2012. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1519-549X2012000200003&lng=pt&nrm=iso>>. Acesso em 20 Abr. 2016.
- LOPES NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatra**. (Rio de J.), Porto Alegre, v.81, n.5, supl. p. s164-s172, Nov 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=en&nrm=iso>>. Acesso 20 abr 2016.
- MORENO, J. Levy. **Psicodrama**. 9ª ed. São Paulo. Cultrix. 2003.
- MORENO, Zerka T. **Psicodrama para Crianças**. 1ª ed. Petropolis, RJ. Vozes. 1975.
- PINTO, Manon Toscano Lopes Silva. Psicodrama pedagógico sob a ótica da transdisciplinaridade na arte-educação. **Rev. Bras. Psicodrama**, São Paulo, v.23, n.1, p.68-74, 2015. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0104-53932015000100009&lng=pt&nrm=iso>>. Acesso em 20 Abr 2016
- RAMALHO, M. R. Cybele. **Psicodrama e Dinâmica de Grupo**. IGLU. 2010. Disponível em: <<https://professorsauloalmeida.files.wordpress.com/2015/10/Psicodrama-e-dinamica-de-grupo.pdf>>. Acesso em 04/04/2016.
- SANTOS, Mariana Michelena; PERKOSKI, Izadora Ribeiro; KIENEN, Nádia. Bullying: atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos

do ensino fundamental. **Temas Psicol.**, Ribeirão Preto, v.23, n.4, p.1017-1033, dez 2015. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1413389X2015000400017&lng=pt&nm=iso>>. Acesso em 20 Abr. 2016.

SILVA, Adalgisa Conceição Ferreira da; COSTA, Alice Maria Figueira Reis da. O papel do psicopedagogo em relação ao bullying. **Rev. Psicopedag.**, São Paulo, v. 31, n. 94, p. 56-62, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862014000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 Abr. 2016.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas Psicol**, Ribeirão Preto, v.18, n.1, p.45-55, 2010. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1413389X2010000100005&lng=pt&nrm=iso>>. Acesso em 20 abr. 2016.

VEBBER, Fernanda Cañete. Psicologia escolar: relato de uma experiência no ensino fundamental. **Psicol. Teor. Prat.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 194-207, abr. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872013000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso 20 Abr 2016.

VEIGA, Sofia. Palcos de Conhecimento, Espaços de Transformação. Contributos da Metodologia Sociodramática para a Formação dos Educadores Sociais. **Tese de Doutoramento em Psicologia**. Universidade de Évora, 2009.

WECHSLER, Mariângela Pinto da Fonseca (et al). Psicodrama com crianças: das intervenções clínicas às psicossociais. **Rev. Bras. Psicodrama**, São Paulo, v.22, n.2, p.25-35, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010453932014000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 Abr. 2016.

SOBRE OS AUTORES:

Roseli Coutinho dos Santos Nunes é doutora em Educação na área de Psicologia Educacional pela Unicamp, docente nos cursos de psicologia e pedagogia do Centro Universitário de Jaguariúna. É co-autora dos livros “Psicodrama Pedagógico” (2015) e “Magia Psicodramática” (2007).
E-mail: roselicoutinho@hotmail.com

Luciana Gomes Almeida de Souza é mestre em Saúde Pública, especialista em educação especial, psicóloga da Secretaria de Saúde da Prefeitura de Mogi Mirim e docente no curso de psicologia do Centro Universitário de Jaguariúna.
E-mail: lugasouza@yahoo.com.br

Marianna Martins Barbosa é estudante de psicologia do Centro Universitário de Jaguariúna
E-mail: mariannamartins1@hotmail.com

Pedro Felipe Manzi Cáceres é estudante de psicologia do Centro Universitário de Jaguariúna

E-mail: pedro.louva@gmail.com

Fernanda Aparecida Batista Júlio é estudante de psicologia do Centro
Universitário de Jaguariúna
E-mail: fernandajulio2@hotmail.com